

AS POSSIBILIDADES DE UMA NARRATIVA LITERÁRIA: HISTÓRIA E ENSINO DE HISTÓRIA EM *ÓRFÃOS DO ELDORADO*, DE MILTON HATOUM.

Autor: Arcângelo da Silva Ferreira

Universidade do Estado do Amazonas

asf1969@outlook.com

Co-autora: Patrícia de Souza Oliveira

Universidade do Estado do Amazonas

patricia.oliveira.marinho@hotmail.com

RESUMO:

o artigo procura verificar e analisar a ideia de história no pensamento do escritor amazonense Milton Hatoum. Paralelo a isso, as possibilidades de sua narrativa para o ensino da História da Amazônia. O corpus de análise para esta investigação é a novela *Órfãos do Eldorado*.

Palavras-chaves: História; Ensino; Literatura

ABSTRACT:

The article seeks to verify and analyze the idea of history in the thinking of the amazon writer Milton Hatoum. In parallel the possibilities of its narrative to the teaching of the History of Amazon. The corpus of analysis to this research is the Novel Orphans of Eldorado.

Keywords: History; Education; Literature

INTRODUÇÃO

O narrador é o artesão do Tempo. Na dança de suas mãos abstrai a substância que move os acontecimentos. Sábio, sabe que a memória é a musa da narrativa. Percebe nas lembranças os acontecimentos transmitidos através de gerações. Apreende nas reminiscências o presente interpenetrado de passado e tecendo, assim, a rede das histórias. Diante disso, à luz de suas experiências observa que “ninguém morre tão pobre que não deixe alguma coisa atrás de si” (BENJAMIN, 1985, p. 212). Portanto, o narrador é aquele que busca, no fluxo das palavras, alcançar aquilo que ainda não foi contado.

O historiador é uma figura apropriada de narração. Do presente dá saltos para diversas temporalidades recortadas. Compreende o passado como um vão feito de fraturas, e centelhas: ruínas deixadas no tempo. Propenso a indagações pondera: Como narrar sobre esse amontoado de

ruínas que a cada conjuntura, época, cresce até o céu? Como lidar com a morte, com o silêncio? Prudente, o historiador percebe que o passado não é eterno, mas uma experiência única. Que a morte pode revelar a vitória dos vencedores. Ultrapassando os inativos que perambulam pelos bosques da ciência, o historiador lança mão da arte da narração para “escovar a história a contrapelo” (BENJAMIN, 1985, p. 225). E esta atitude metodológica consiste em reconstruir a história dos vencidos. Fazer justiça através da narrativa historiográfica.

Pautado nessas convicções foi eleita a narrativa do escritor Milton Hatoum como corpus de análise da pesquisa que se aproxima. Compreende-se que a novela *Órfãos do Eldorado* inscreve inúmeras possibilidades para se pensar, fazer e ensinar a história da Amazônia. Nessa medida, a Literatura é concebida como testamento de uma época, fonte fecunda para a construção de saber histórico, onde o verossímil, inscrito na arte do narrador, torna-se alegoria da realidade recortada pelo historiador (FERREIRA, 2009).

METODOLOGIA

A literatura é assim, a boa filha do historiador, sempre a servir, se for preciso, ou silenciosa, se necessário. Ela é, então, um objeto particularmente útil no momento de pensar ou de não pensar os movimentos que agitam, ainda que implicitamente, as calmas águas da História. (PESAVENTO, 2002, p.151)

Na acepção de que *metodologia* é caminho, se estabelece aqui duas trilhas para o desenvolvimento deste estudo: o tratamento e problematização da fonte – a novela *Órfãos do Eldorado* – e as possibilidades na utilização desta narrativa como recurso pedagógico para o ensino de parte da História da Amazônia. O primeiro ângulo é norteado pela utilização da narrativa literária como um documento, matéria prima para a construção do saber histórico. O segundo como reflexão sobre a ideia de história abstraída da narrativa do escritor amazonense.

Sabemos todos que a Literatura é proveitosa se pensada como fonte de História. Os antigos já a usavam, porém, a história científica dos séculos XVIII e XIX não via com bons olhos a sua utilização. Por isso, pelo menos até os anos de 1930 a narrativa literária foi deixada nas sombras. Com raras exceções, esqueciam-se os historiadores que a História inexistia sem a narrativa. É preciso narrar para contar. O que enreda o saber científico é a narrativa (BLOCH, 2001). Talvez

tenha sido por isso que a partir da segunda metade do século XX ocorreu o polêmico retorno da narrativa à historiografia. Clio compreendeu que devia muito à Caliope (BURKE, 1992)

Esta dívida se tornou visível porque desde a absorção da narrativa literária a escrita historiográfica ficou mais fluida. Análogo a isso, os escritores como Ítalo Calvino, entre tantos, ajudaram os historiadores a desenvolverem novos métodos para se narrar a História (RUIZ, 2008, p. 87), contribuindo, inclusive, para refutar o “mito da origem”, fantasma que ganhou força na época influente da concepção positivista da História. Os historiadores contemporâneos aprenderam, lendo as narrativas literárias, que a História é mais local e menos universal. Igualmente, é no ponto de vista do narrador historiográfico que reside a versão dos acontecimentos estudados.

Pensando nisso surge a problemática norteadora desta pesquisa: como usar a narrativa de um escritor amazonense para refletir e ensinar a História da Amazônia? Já foi dito recentemente que os literatos, muitas vezes, saem na frente dos historiadores. Devido a sensibilidade aguçada, percebem de forma eficaz o sentimento do mundo, as transformações ocorridas no tempo. Revelam vozes silenciadas, trajetórias subsumidas. Confirmam, mas também, na maioria das vezes, refutam memórias usadas como instrumento de perpetuação da ordem.

Pensando em “*destrinchar a forma como [Hatoum] constrói ou representa sua relação com a realidade social*” (SHALHOUB; PERREIRA, 1998, p. 7) adota-se o método da historiografia materialista, ou seja, procura-se buscar:

(...) na obra o conjunto da obra, no conjunto da obra a época e na época a totalidade do processo histórico são preservados e transcendidos. O fruto nutritivo do que é compreendido historicamente contém em seu interior o tempo, como sementes preciosas, mas insípidas. (BENJAMIN, 1985, p. 231).

Desta forma, no tempo da narrativa da referida novela se percebe a ideia de *história a contrapelo* proposta pelo pensador alemão mencionado linhas acima. No tempo da urdidura da narrativa se compreende a relação dialógica entre as condições objetivas e subjetivas suscitando no narrador os motes para articular seu enredo: a epopeia de uma família. Em síntese, a narrativa de uma história trágica. O chão histórico: a Era da borracha na Amazônia. Portanto, o tempo abarca o ângulo do pensar e do ensinar. O caminho no qual as trilhas da narrativa literária e historiográfica se encontram (GUINZBURG, 2007).

RESULTADOS E DISCUSSÕES:

1. O PASSADO NÃO É ETERNO: O SENTIDO DE HISTÓRIA EM *ÓRFÃOS DO ELDORADO*.

A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas. (GOFF, 1990, p. 423)

Sabe-se que a Memória hegemônica procura inscrever uma História em que está em jogo à dissimulação de determinados acontecimentos comprometedores à ordem de valores vigentes. Cabe ao historiador procurar encontrar chaves decifrárias do tempo, representadas às vezes por pequenas fissuras. Lacunas que se abrem numa escuridão que parece eterna.

Com isso não se afirma aqui que o pesquisador é aquele que traz a luz através de sua “verdade”. Pretensão absolutamente desnecessária e, há muito refutada. Ao contrário, elucida-se que o historiador deve procurar, ao longo de suas experiências, desenvolver sensibilidades. Enxergar evidências na escuridão de suas fontes. Para tanto, terá que se desprender de todo e qualquer preconceito, sair de compartimentos estanques e, como um antropólogo, enamorar o estranho, sabendo que o insólito é bom pra pensar.

Nesta seção ocorre a apropriação da Literatura para verificar como o escritor Milton Hatoum lança mão dos conceitos de memória e oralidade na elaboração de sua narrativa. Nessa linha problematiza-se a acepção de História, representada na referida obra, por meio da análise do conteúdo histórico inscrito no tempo da narrativa de Hatoum. Portanto, na novela *Órfãos do Eldorado* está patente a luta da memória contra o esquecimento.

Adentrando no bosque da ficção no qual reside a narrativa de Hatoum, se ouve vozes em uníssono a replicar: “Nunca houve um momento da cultura que não fosse também um monumento da barbárie. E, assim como a cultura não é isenta de barbárie, não o é, tampouco, o processo de transmissão da cultura.” (BEJAMIN, 1989. p. 225). Atento a isto, o referido narrador procura se desviar dessa concepção de cultura. Por isso, a hipótese aqui é que a novela, publicada em 2008, foi urdida para refutar a versão laudatória de História.

Todos sabem que Milton Hatoum nasceu em Manaus, em 1952, onde passou sua infância e parte de sua juventude. Por isso, é frequente, em palestras e entrevistas, afirmar que a todos os

lugares que vai, sua cidade natal lhe acompanha. Isto é perceptível nas narrativas construídas pelo escritor amazonense¹. Paralelo a isto, existe uma patente preocupação como a Amazônia. Um compromisso com a compreensão desta região que há muito ficou a margem do mundo e da História, inclusive, da História nacional.

Arquiteto de formação², Hatoum recorta temporalidades em ângulos e planos nos quais inseri suas tramas, sempre densas, por ser um escritor ávido de leitores atentos àquilo que se pode fazer da história. E também preocupado com aquilo que os donos do poder fizeram e continuam fazendo com a História, essencialmente, da Amazônia.

Ao transcender a realidade pela linguagem busca uma verdade inscrita no tempo de suas narrativas, mais forte que a realidade externa. Portanto, denunciadora dos fantasmas do tempo. Provocadora porque abre fendas para que vozes emudecidas passem a falar. Subjetividade que se percebe na novela *Órfãos do Eldorado*.

Nesta narrativa ocorre a transfiguração de um tempo no qual foi construída uma memória oficial que luta para se perpetuar como efeméride na memória social da Amazônia: as duas fases da “Era da Borracha”. Crítico dessa ideia laudatória Hatoum parte das feições identitárias utilizando-as como um recurso para refutar monumentos históricos. Ao lado disso, a trágica biografia de Arminto Cordovil, o protagonista e narrador fictício do enredo, é por si só uma alusão a frágil convicção do tempo enquanto ser monolítico. Tempo amazônico que sonha com a glória perpétua. O autor parece compreender que a memória também pode se alimentar de lembranças vagas e reafirmar um passado ilusório (MOTTA, 2012. p. 25.). O Sonho borracheiro. Adiante se percebe a ganância de Amando Cordovil³, descrita por seu filho:

Um dia vou concorrer com a Booth Line e o Liyd Brasileiro, dizia meu pai. Vou transportar borracha e castanha para o Hacre, Liverpool e Nova York. Foi mais um brasileiro que morreu com a expectativa de grandeza. No fim, eu soube de outras coisas, mas não adianta antecipar. Conto o que a memória alcança, com paciência. (HATOUM, 2008. p. 15).

A historiadora Edineia Mascarenhas Dias (1999) num estudo pioneiro já elucidou esta ilusão da qual Hatoum denuncia. Para ela o problema da economia borracheira estava no sistema de

¹ Relatos de um certo Oriente (1989), Dois irmãos (2000), Cinzas do Norte (2005), Órfãos do Eldorado (2008), A cidade Ihada (2009), Um solitário à espreita (2013).

² Na nos anos de 1970 cursou a faculdade de arquitetura na Universidade de São Paulo.

³ Em *Órfãos do Eldorado* a epopeia de uma família é representada por três personagens masculinas: Edílio, Amando e Arminto. Respectivamente, avó, pai e filho da família Cordovil. É das lembranças de Arminto que a trajetória trágica da família é contada.

produção marcado pelo que se convencionou chamar de *aviamento*. Um estrutural mecanismo de dependência dissimulado pela ideia de lucro fácil e eterno. Ao lado disso um efêmero progresso trazido pela importação de projetos urbanísticos. Priorizou-se o embelezamento das capitais borracheiras, à época polos econômicos mundiais.

Por isso, no plano do enunciado, contagiado como a facilidade e o consumo, Arminto Cordovil, que aqui representa, por um lado à mentalidade consumista, por outro a ignorância dos donos do poder amazônicos, contagiado com a efemeridade do instante que parecia ser eterno “*não queria voltar pra Vila Bela. Era uma viagem no tempo, um século de atraso. Manaus tinha tudo: luz elétrica, telefone, jornais, cinemas, teatros, ópera.*” (HATOUM, 2008. p. 17).

Uma chave de leitura para verificar a ideia de História da obra literária em análise está no sugestivo título do livro: *Órfãos do Eldorado*. No enredo, além da alusão feita à imaginária cidade encantada, Eldorado é um cobiçado cargueiro alemão. Na época da exportação da borracha tê-lo representava poder de toda a ordem. A narrativa mostra que esse é o sonho de Amando Cordovil. Entretanto, mesmo depois que consegue, Eldorado naufraga em um dos rios do Baixo Amazonas. Veja o leitor a perspicaz imagem construída pelo literato. Com isto ele quer sugerir que são sujeitos nascidos na Amazônia, órfãos da Memória de um tempo maravilhoso, por isso, ilusório. *Eldorado* há muito naufragou.

Para a estrutura da narrativa de ficção o evento supramencionado representa o processo de decadência da frágil riqueza herdada por Arminto Cordovil. Isto provoca uma subversão na vida desta personagem. No plano histórico arquiteta uma questão de escolha feita por Milton Hatoum para, de forma latente, desenhar sua denúncia. Assim, o literato resolve contar a história da “Era da borracha” a contrapelo. Uma história problemática. Senão, veja o leitor nas linhas seguintes:

Manaus, a exportação da borracha, o emprego, o comércio, o turismo, tudo crescia. Até a prostituição. Só Estiliano ficava com um pé atrás. Ele estava certo. Nos bares e restaurantes as notícias dos jornais de Belém e Manaus eram repetidas com alarme: se não plantarmos sementes de seringueira, vamos desaparecer... Tanta ladroagem na política, e ainda aumentam os impostos (HATOUM, 2008. p. 33.).

A imagem acima transfigura aquilo que Mascarenhas denominou de “ilusão do Fausto”. Retrata os perigos da retração econômica, da concorrência de mercados, da corrupção, aliais uma das principais heranças deixadas com o advento do sistema republicano (CARVALHO, 2004). A

trágica convicção de que a efêmera riqueza estaria prestes a ruir. Em suma, evidencia-se, assim, um compromisso do literato em deixar patente em sua narrativa de ficção uma interpretação mais problemática da história, na perspectiva de rechaçar os monumentos e seus rastros deixados na memória social destas paragens. Como Hatoum se percebe que a Amazônia precisa ser conhecida na sua alteridade.

2. O IMAGINÁRIO DE HATOUM E SUA RELAÇÃO COM ENSINO DA HISTÓRIA

No mês de outubro de 2015 o professor Arcângelo da Silva Ferreira ministrou uma oficina intitulada “A narrativa de uma cidade encantada ou a alegoria de uma história trágica, em *Órfãos do Eldorado* de Milton Hatoum” na Semana Nacional de Ciência e Tecnologia como alguns estudantes dos cursos de História, Literatura e Pedagogia do Centro de Estudos Superiores de Parintins.

Na oportunidade se pensou nas possibilidades da narrativa de Hatoum para a reflexão sobre a História da Amazônia. Para tanto, foi distribuído aos estudantes fragmentos da obra literária em estudo. A proposta seria que os estudantes abstraíssem o conteúdo histórico inscrito no imaginário do escritor. Vamos ao primeiro fragmento:

Amando contava atos heroicos de Edílio: a coragem com que ele e seus soldados derrotaram mais de trezentos revoltosos na batalha do Uaicurapá. Mas outras vezes desmentiam esse heroísmo, diziam que em 1839 Edílio havia comandado um massacre contra índios e caboclos desarmados. Depois dessa matança, ele tomou posse de uma área imensa na margem direita do Uaicurapá. Um sobrevivente deve ter marcado os crimes do tenente-coronel Edílio Cordovil no tronco de uma árvore secular. Amando queria escrever um livro, “Façanhas de um civilizador”, uma elegia ao pai dele, um dos líderes da contra-revolta. Não escreveu nada, os cargueiros sugaram toda a sua energia e tempo. (HATOUM, 2008, p. 71).

Como os estudantes verificou-se que o trecho acima oferece inúmeras possibilidades para se pensar acerca de um evento que precisa de decifração, ou seja, a Cabanagem. Movimento social ocorrido na Amazônia no século XIX. Os indícios são profícuos, posto que seja possível verificar duas versões para o mesmo evento: a heroica, ao lado, da questionadora. O próprio título sugerido ao livro que o personagem Amando pretende escrever já denuncia uma corrente historiográfica que categoriza o cabano de forma generalizante e depreciadora. Outra contribuição para a produção do saber histórico gira em torno do registro de alguns lugares de memória que o literato traz à baila. Ora, na oralidade dos habitantes da cidade de Parintins é permanente o testemunho histórico da concentração de um grande número de cabano nos lugares próximos do rio Uaicurapá (ANDRADE;

FERREIRA, 2014). Se considerado como um recurso para o ensino de história local, tal indício pode ser usado como uma provocação à investigação histórica. Em suma, o referido relato, corrobora a ideia de história que Hatoum pretende esboçar: a história dos vencidos, dos silenciados.

Existe uma vertente oriunda do campo da história cultural pautada na perspectiva da história das cidades a partir do imaginário de escritores. O segundo fragmento apresentado aos estudantes consiste em um exemplo emblemático da referida perspectiva. Adiante elucidado:

Eu me esbaldei no Café da Paz e nos bares da Cidade Velha; conheci o Mestre Chico e outros boêmios e músicos que tocavam canções de pau e corda, tiravam toadas e modinhas com flauta, violão, violino e cavaquinho. Eu pagava a bebida das noitadas e os ingressos das operetas da trupe Chat Noir no teatro Moderno, no largo de Nazaré. Amanhecíamos no Porto de Sal. Depois aluguei uma lancha e vi o mar pela primeira vez. Na loja de Paris n' América comprei peças de organdi suíço e de seda italiana e italiana francesa [...]. (HATOUM, 2008, p.p. 80-81).

A partir do diálogo com os estudantes verificou-se que Reside nesse relato o rastro do tempo marcado pela influência europeu na construção do desenho arquitetônico da cidade paraense, Belém. Onde Hatoum, mesmo representando a forte presença do projeto urbanístico europeu às cidades amazônicas, no contexto da Bela Época, faz ver o processo de transculturação, de ressignificação de identidades que, ao longo da história da Amazônia, aprenderam a se construir e reconstruir, social e politicamente. Em Hatoum a cultura é vislumbrada como resistência aos projetos alienígenas e dominantes. Esta perspectiva é de fundamental importância para se pensar os diversos ângulos da história por meio da trajetória dos sujeitos que contribuíram para a composição das estruturas culturais, mas também demográficas.

Nessa medida, no imaginário de Hatoum é registrada também a presença dos japoneses, sujeitos que estão diretamente inseridos na história da cidade de Parintins, pelo fato de terem colonizado um lugar denominado de Vila Amazônia. Senão vejamos:

A chegada dos japoneses animou a cidade; eles construíram uma vila com casas japonesas lá na ponta do rio Amazonas, bem na boca do paraná do Ramos. Fundaram outras colônia no rio Andirá, lá na terra dos saterés-maués, grandes agricultores. Plantaram arroz, feijão e milho, e conseguiram a proeza de plantar juta. [...] muito amável, o Oyama. Trouxe um peixe preparado à moda japonesa, e eu me fartei. Depois ele curvou a cabeça, se despediu e nunca mais apareceu. (HATOUM, 2008, p. 91).

Diante do fragmento supra os estudantes perceberam que para se pensar, fazer e ensinar história a fração acima possibilita a investigação acerca da relação entre os japoneses e habitantes da região Amazônica. Cabendo aí uma problematização acerca da peculiaridade deste relato. A pergunta que o leitor atento poderia formular seria, em que aspecto o plano do enunciado se afasta do plano da realidade. Uma chave para o processo da investigação está pautada na compreensão de como os habitantes da região viam os japoneses e vice-versa. A utilização de fontes orais é um caminho para se buscar repostas para tanto. Ora, japoneses e brasileiros estão relacionados a um acontecimento marcante na história da Amazônia: a expulsão dos asiáticos do Brasil no contexto da II Guerra Mundial. Ademais, o referido conflito, trouxe transformações à região, inclusive, à cidade de Parintins. Como é vislumbrado na narrativa abaixo:

O presidente Vargas disse que os Aliados precisavam do nosso látex, e que ele e todos os brasileiros fariam tudo para derrotar os países do Eixo. Então milhares de nordestinos foram trabalhar nos seringais. Soldados da borracha. Os cargueiros voltaram a navegar nos rios da Amazônia; transportavam borracha para Manaus e Belém, e depois os hidroaviões levaram a carga para os Estados Unidos. Os sonhos e as promessas também voltaram. O paraíso estava aqui, no Amazonas, era o que se dizia. O que existiu, e eu não esqueci nunca, foi o barco *Paraíso*. Atracou aí em baixo, na beira do barranco. Trouxe dos seringais do Madeira mais de cem homens, quase todos cegos pela defumação do látex. Lá onde ficava a aldeia, o prefeito mandou derrubar a floresta para construir barcos. E um novo bairro surgiu: Cegos do Paraíso. Outros seringueiros ocuparam a beira da lagoa da Francesa e do rio Macurany, e fundaram o Palmares. (HATOUM, 2008, p.p. 94-95).

O imaginário acima traz inúmeras possibilidades investigativas. Keyciane Tavares, acadêmica do terceiro período do curso de Pedagogia, atenta, faz a seguinte ponderação “[...], a Segunda Guerra Mundial foi o pilar não sei se para uma pausa na história do Amazonas ou se foi para o começo de uma nova história?” Pode-se conjecturar verificando a recepção da estudante, acerca da narrativa de Hatoum, que sem sombras de dúvidas o evento aí transfigurado representou uma ruptura na história da Amazônia. Dizendo de outro modo trouxe transformações radicais. O fragmento é profícuo para se buscar o significado histórico dos Acordos de Washington, ocorridos no referido contexto entre os governos do Brasil e EUA. O *soldado da borracha*, mencionado no fragmento consiste em um dos acontecimentos mais relevantes desse período histórico, entretanto, na versão oficial da História ele fica nas sombras, completamente silenciado. A propaganda política de Vargas persuadiu o nordestino, desprovido de tudo, a vir para a Amazônia em busca do *paraíso*. Uma vez mais o escritor e sua obra colocam indícios da história a contrapelo. As condições de

possibilidade trazidas pelo fragmento, sendo usado como fonte de história, instiga a investigação histórica acerca da contribuição dos nordestinos para a composição da sociedade, da construção da história local e, por extensão, dos espaços de territorialidade espacial e cultural dos considerados “excluídos, marginais”. Aqueles “vencidos”, porque não estão na historiografia, mas estiveram na história. Hatoum, através de *Órfãos do Eldorado* faz, portanto o registro e o testemunho histórico da presença desses nordestinos na história da Amazônia, de Parintins.

CONCLUSÕES

O leitor verificou que a obra literária foi apropriada aqui como fonte de história. Para tanto, método materialista foi utilizado à luz das reflexões de Walter Benjamin. Nessa linha, se questionou a concepção de literatura como algo “transcendente” e do escritor com ser “atemporal”. A literatura, nessa medida é, portanto, o “testemunho histórico”, temporal, um acontecimento.

Nesta acepção foi problematizada a novela *Órfãos do Eldorado*, publicada pela primeira vez no ano de 2008. Em suma, abstraiu-se o sentido histórico e as possibilidades da narrativa de Milton Hatoum para se pensar, fazer e ensinar uma nova, e problemática, história da Amazônia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ANDRADE, Renan Jacauna de; FERREIRA, Arcângelo da Silva (orientador). **Lembranças de uma luta social: a Cabanagem no imaginário parintinense**. Trabalho de Conclusão de Curso. CESP/UEA, 2014.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Obras Escolhidas. volume 1; tradução Sérgio Paulo Rouanet; Prefácio: Jeanne Marie Gagnebin. 1ª edição. São Paulo : Editora Brasiliense, 1985.

BLOCH, Marc Leopold Benjamin. **Apologia da história, ou, O ofício de Historiador**; prefácio de Jacques Le Goff; apresentação à edição brasileira, Lilia Moritz Schwarcz; tradução, André Telles. – Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BURKE, Peter. A História dos Acontecimentos e o Renascimento da narrativa. In: **A Escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo : Editora da universidade Estadual Paulista, 1992.

- CHALHOUB, Sidney e Pereira, Leonardo Affonso de Miranda. “Apresentação”. In.: _____ (orgs.). **A História contada: capítulos de história social da literatura no Brasil** – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.
- CARVALHO, José Murilo de. **Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi**. 3ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- DIAS, Edineia Mascarenhas. **Ilusão do Fausto: Manaus (1890-1920)**. – Manaus : Editora Valer, 1999.
- FEREIRA, Antônio Celso. “Literatura: fonte fecunda”. In.: PINSKY, Carla Bassanezi e LUCA, Tania Regina de (orgs.). **O historiador e suas fontes**. – São Paulo : Contexto, 2009.
- GINZBURG, Carlo. **O fio e os rastros: verdade, falso, fictício**. São Paulo : Companhia das Letras, 2007.
- LE GOFF, Jacques. **História e Memória**; trad. Bernardo Leitão (et.al.). Campinas: Unicamp, 1990.
- HATOUM, Milton. **Órfãos do Eldorado**. – São Paulo : Companhia das Letras, 2008.
- MOTTA, Marcia Maria Menendes. “História, memória e tempo presente”. In.: CARDOSO, C. F. e VAINFAS, Ronaldo. **Novos domínios da história**. – Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. **O imaginário da cidade: visões literárias do urbano** – Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre. 2ª ed. Porto Alegre: Ed. Universidade UFRGS, 2002.
- RUIZ. Rafael. “Literatura: novas formas de abordar o ensino de história” In.: PINSKY, Jayme e PINSKY, Carla Bassanezi. “Como ensinar História: por uma historia prazerosa e consequente”. In. : KARNAL, Leandro (org.). **Historia na sala de aula: conceitos, práticos e propostos** - 3ª. Ed. São Paulo: Contexto, 2008.

